

ACIDENTES

Mutilados no trânsito

Vítimas da violência nas estradas viram suas vidas transformadas após serem atingidas por veículos em alta velocidade

Lorrany Martins

Muletas, próteses, cadeiras de rodas, placas e parafusos agora fazem parte da vida de um policial, um técnico de elevadores e de uma jovem de 25 anos, vítimas da violência no trânsito.

Eles foram mutilados e tiveram de se adaptar a novas e duras condições por causa da imprudência de motoristas no trânsito da Grande Vitória.

O policial rodoviário federal Eugênio Paris, 54 anos, achou que 14 de setembro de 2011 seria um dia de trabalho normal, mas uma carreta desgovernada na reta do aeroporto de Vitória atingiu o veículo em que ele estava e decepou a perna do policial, mudando completamente a vida dele.

O agente Paris, como é conhecido, contou que neste dia, às 23h40, estava atendendo a ocorrência de uma batida de caminhão na BR-101, na reta do aeroporto.

“Quando chegamos lá paramos atrás do caminhão que estava em cima do gelo-baiano no vão central da pista. Sinalizamos o local e estava no carro conversando com o motorista para fazer o boletim do acidente.”

Paris disse que o motorista do primeiro acidente se assustou e disse que vinha uma carreta branca e que pela velocidade não iria conseguir parar.

De acordo com o policial, chovia um pouco na hora e a carreta não conseguiu parar na retenção de carros por causa do primeiro acidente. O veículo derrapou, bateu em um poste e veio para cima da radiopatrulha onde estava Paris e seu colega de trabalho, o agente Altayr Rezende.

“Quando percebi o desespero do motorista com quem conversava, saí do carro e tentei pular a mureta e ir para o outro lado da pista. Minha perna esquerda passou, mas a direita não consegui puxar a tempo e a carreta pressionou a radiopatrulha contra a minha perna.”

O policial passou 15 dias internado no hospital e hoje está com um processo para se aposentar da Polícia Rodoviária Federal (PRF).

“Hoje, quase dois anos depois, ainda estou me adaptando à nova rotina. Não abandonei os exercícios, só troquei a caminhada pela bicicleta, por exemplo. Até o percurso continua o mesmo, de casa, em Jardim da Penha, até o final da orla de Camburi.”

O colega, o agente Rezende, também teve ferimentos gravíssimos e passou 46 dias no hospital para poder reconstruir a perna, que por pouco não foi esmagada quando ele pulou da radiopatrulha.



JUSSARA MARTINS/AT

O POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL EUGÊNIO PARIS foi atingido por uma carreta desgovernada quando atendia uma ocorrência de trânsito na BR-101. Hoje ele usa uma prótese, mas não abriu mão de andar de bicicleta

EUGÊNIO PARIS POLICIAL RODOVIÁRIO FEDERAL

“É uma vida totalmente diferente”

O policial rodoviário federal Eugênio Paris tinha 17 anos de trabalho na Polícia Rodoviária Federal (PRF) quando um acidente causado por um motorista que estaria em alta velocidade fez com que Paris perdesse parte da perna direita e mudasse totalmente de vida.

A TRIBUNA – Como foi o dia do acidente?

EUGÊNIO – Estava de plantão e fui com o agente Rezende até o local do acidente na reta do aeroporto. Quando chegamos lá, ligamos o giroflex da radiopatrulha e paramos atrás do caminhão, que estava em cima do gelo-baiano, no meio da pista. Como ele havia derrubado britas de minério do outro lado da pista, sinalizamos o local.

Não havia muito carros, mas

houve uma pequena retenção próximo ao caminhão. Estava conversando com o motorista do primeiro acidente quando ele arregalou os olhos e disse que havia uma carreta branca vindo em alta velocidade em nossa direção.

> O que fez nesse momento?

Não pensei muito e pulei logo o gelo-baiano, mas só deu tempo de passar a perna esquerda. Quando

“Os motoristas têm de respeitar as leis de trânsito para salvar vidas. Não só as deles, mas as de muitas outras pessoas”

caí do outro lado já senti que estava sem parte da perna direita, apesar de não sentir dor. Achei que o contêiner da carreta ia cair em cima de mim e ainda sai rolando, correndo o risco de ser atropelado.

> O socorro chegou rápido?

O motorista do primeiro acidente, junto com o patrão dele e uma mulher, me ajudou a pedir carona para o hospital. Não senti dor na perna até chegar lá, acho que foi por causa da adrenalina.

> Houve uma investigação para saber o que causou o acidente?

Há um inquérito em curso ainda para saber o que aconteceu. Mas acredito que o motorista estava sobre efeito de alguma droga ou então cochilou. Sem contar a falta de responsabilidade e desrespeito às leis

de trânsito do motorista.

> Como sua via mudou depois do acidente?

Sinto dores o tempo todo. É pior nas crises de coluna, que não tenho como dormir. Uso prótese e ainda estou me adaptando, é uma vida totalmente diferente. Mas procurei não ficar me lamentando e nem triste com toda essa situação. Agora, por exemplo, ao invés de correr com minha mulher até o fim da orla de Camburi, eu vou de bicicleta, fazendo o mesmo percurso.

> Qual sua mensagem para os motoristas?

Os motoristas têm de respeitar os limites de velocidade, as leis de trânsito, para salvar vidas. Não só as deles, mas as de muitas outras pessoas.

OUTRAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA NAS ESTRADAS

RODRIGO GAVINI - 18/10/2011



Sobrevivente

O agente Rezende, que trabalhava com o agente Paris, da PRF, contou que no acidente ocorrido ano passado teve a perna esquerda atingida quando tentou saltar da radiopatrulha, antes que a carreta os atingisse. Ele ficou 46 dias no hospital para reconstruir a perna. “Sobrevivemos por muito pouco.”

JUSSARA MARTINS/AT



Sem socorro

O técnico de elevadores Diogo Tavares estava indo trabalhar em Itapoã, Velha Velha, em novembro de 2009, quando um motorista – que foi reprovado no bafômetro – invadiu a contramão, o derrubou da moto, bateu em mais dois carros e fugiu sem prestar socorro.